



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 37

Pelos seus olhos

Branca Vianna: Está começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Eu sempre me considerei uma pessoa que enxergava bem. Eu só fui usar óculos lá pelos 40 e tantos anos, e era daqueles óculos que a gente compra em farmácia. Agora eu já entendi que essa batalha tá perdida, e tô até gostando de colecionar umas armações estilosas. Mas em geral eu ainda acho que eu tenho a visão bem decente.

Claro que em determinadas situações eu me sinto a pessoa mais míope do planeta. Tipo andando com observadores de pássaros. Eu já passei mais de uma tarde andando pela floresta e me sentindo completamente maluca porque as pessoas ao meu redor estavam enxergando e estavam muito empolgadas com coisas – pássaros, no caso – que eu não era minimamente capaz de ver.

Comentando as cores ou o formato do rabo de um bicho que eu estava quase desconfiando que nem existia. Que eu estava sendo vítima de um gaslighting muito elaborado e nonsense.

Mas de qualquer jeito sempre dá uma vertigem imaginar que as outras pessoas podem enxergar o mundo de um jeito completamente diferente da gente. Se o azul que eu vejo é o mesmo que você vê. Quem nunca sentiu vontade de pegar emprestado os olhos de outra pessoa pra ver se as coisas são como você acha que são?

No primeiro ato de hoje, a gente tem a história de duas pessoas que tão meio que tentando fazer isso. Quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Flora Thomson-DeVeaux: Muitas vezes, quando a gente faz uma entrevista e pede pra pessoa se apresentar, ela congela. Do tipo: "Nossa, quem que eu sou, mesmo?" "Qual é a característica que melhor me descreve?" "Como que eu vou me definir no mundo?"

A parte boa – ou a parte ruim – é que os nossos amigos normalmente não têm o menor problema em nos definir. “Ah, Fulano é aquele que faz crossfit”. “Sicrana é aquela que anda com o gato na coleira”.

Claro que essas não são definições que dão conta de toda a complexidade que é cada pessoa. Mas elas dão pro gasto. Ainda mais quando a gente tá caindo de paraquedas e precisa se localizar.

No caso da Mayara, ela tinha acabado de se mudar para uma cidade nova. A cidade era Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. E ela não conhecia ninguém lá. Daí ela fez um primeiro amigo que era de lá. E aos poucos, esse amigo começou a apresentar todo um elenco pra ela.

Mayara Vilas Boas: E ele sempre trazia algum panorama sobre esses amigos... Um era de um jeito, outro era de outro.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é engraçado, essa aqui é muito esperta...

Mayara Vilas Boas: "Quando você conhecer fulano, vai ser muito legal..."

Flora Thomson-DeVeaux: Até que teve esse. Um amigo que usava aparelho auditivo, e...

Mayara Vilas Boas: Que ele não tinha a visão periférica.

Flora Thomson-DeVeaux: A característica desse amigo era que ele não tinha visão periférica. Aposto que essa, você nunca ouviu.

Mayara Vilas Boas: Então ele levantava as mãos na lateral do rosto para dizer que o Lucca não conseguia ver, assim, nas laterais, que a visão dele era bem na frente. “Como assim, ele não vê nas laterais, assim?” E ele dava exemplos de que, “Ah, geralmente tem que entregar as coisas na frente dele,

se você passar do lado ele não vai te ver. Uma vez a gente estava numa festa e tinha uma menina pedindo para ficar com ele e ele não percebeu, então tive que direcionar ele para a menina”...

Flora Thomson-DeVeaux: A Mayara tava achando tudo isso muito esquisito. E daí surgiu uma oportunidade pra desvendar esse mistério. Uma oportunidade patrocinada pelo TSE. Sim, o Tribunal Superior Eleitoral.

O Lucca não morava mais em Três Lagoas, mas ele não tinha transferido o título eleitoral dele. Então ele teve que voltar na cidade pra votar.

E aí a turma de Três Lagoas marcou uma cerveja com os pássaros eleitoralmente migratórios. E a Mayara chegou junto. E conheceu finalmente o Lucca.

Num primeiro momento, o que parecia mais estranho pra ela é que nada parecia fora do comum. O Lucca não parecia muito diferente de todos os outros amigos pra quem ela tinha sido apresentada. Até que aconteceu isso.

Mayara Vilas Boas: Eu fui oferecer a bebida pro Lucca e ele não viu. Então eu ofereci assim na frente dele, ele não viu, eu não percebi, aí eu dei um toque: "Você quer?". Aí eu percebi que o campo de visão dele era mais reduzido.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso não parecia só uma falta de visão periférica. Era outra coisa. A Mayara é uma pessoa curiosa. E a bebida abriu a porteira da curiosidade dela.

Mayara Vilas Boas: E aí eu fiz diversas perguntas e as mais diversas perguntas que eu poderia fazer ali, que me ocorreram bêbada naquele dia.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso podia ter sido a receita para o desastre. Mas o Lucca não se incomodou. Bom, “não se incomodar” é pouco.

Mayara Vilas Boas: A gente ficou, e desde então estamos juntos.

Flora Thomson-DeVeaux: Eles estão juntos desde outubro do ano passado.

Lucca Agustini: Bom, vamos lá. Meu nome é Lucca, tenho 24 anos...

Flora Thomson-DeVeaux: Foi a Mayara que escreveu pra gente pra contar essa história. Mas eu também sou uma pessoa curiosa, então óbvio que eu fiquei doida pra conversar com o Lucca.

Lucca Agustini: Eu acho que a parte de quando eu era criança, quando eu comecei a me relacionar com o mundo, que foi um pouco conturbado no começo, porque eu fui diagnosticado com perda auditiva com três anos.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lucca tem perda auditiva, então ele usa aparelho nos dois ouvidos. Mas essa infância do Lucca, que ele tá contando, foi bem complexa. Tem a ver com o jeito que ele se relacionava com o mundo, mesmo. O jeito que ele se entendia. E o jeito que ele era definido.

Lucca Agustini: Eu era muito inquieto...

Flora Thomson-DeVeaux: O Lucca era uma criança ligada no 220.

Lucca Agustini: Eu não parava no lugar. Eu era aquele que ia dia sim, dia não, para coordenação. Eu era esse, esse tipo de criança. Era assim, muito bagunceiro, arteiro. Corria para lá e pra cá. Só aprontava.

Flora Thomson-DeVeaux: Só de ouvir eu consigo sentir o cansaço dos pais dele.

Lucca Agustini: Quando estava na escola, no período de aula, eu me achava muito desatento.

Flora Thomson-DeVeaux: Ele tinha muita dificuldade de prestar atenção nas coisas, de conseguir focar. E aí, veio o diagnóstico que você pode estar pensando.

Lucca Agustini: Eu fui diagnosticado com TDAH aos 13, 14 anos.

Flora Thomson-DeVeaux: TDAH, transtorno de déficit de atenção.

Lucca Agustini: Tomei ritalina, uma mais moderada, uma mais forte, que nunca fez diferença.

Flora Thomson-DeVeaux: Além de tudo isso, o Lucca era conhecido por ser meio desengonçado. Os amigos tinham um acervo de acidentes pra zoar ele: a vez em que ele bateu de frente num extintor de incêndio, a vez que ele acabou estirado no chão porque atravessou uma quadra correndo sem reparar que tinha uma rede de vôlei ali...

Lucca Agustini: Eu já fui atropelado. Não é nada sério, mas atropelamento. O máximo que aconteceu foi que eu fiquei com a perna roxa.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o pior não eram os roxos.

Lucca Agustini: Teve uma vez que – nossa, isso eu lembro até hoje – que estava andando em um corredor e tinham duas meninas sentadas no chão com as pernas esticadas, e eu não vi. Nossa, eu tropecei nessas meninas. E aí eu deitei no chão e eu não queria levantar dali mais. Eu queria que todo mundo sumisse dali.

Flora Thomson-DeVeaux: Assim... é difícil existir no ensino médio. É difícil a gente se gostar nessa idade. São muitos motivos pra não querer levantar do chão, pra querer que todo mundo suma da nossa frente.

No caso do Lucca, ele era visto – e se via – como desengonçado e desatento. E tinha mais alguns adjetivos.

Lucca Agustini: Algumas pessoas achavam que eu era meio cuzão, meio esnobe.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso porque ele deixava muita gente no vácuo.

Flora Thomson-DeVeaux: Dar uma ignorada na galera.

Lucca Agustini: Isso, dar uma ignorada na galera. Às vezes eu fazia ben - fazia isso mesmo, falava: “Não vi”. Mas na maioria das vezes era porque eu realmente não tinha enxergado.

Flora Thomson-DeVeaux: Tudo isso deixou uma pulga atrás da orelha dele. Eram incidentes demais.

Lucca Agustini: Nossa, como que eu não estou vendo aqui se o meu amigo está falando que tem um negócio aqui? Putz, será que as pessoas enxergam da mesma forma que eu me enxergo? Ou será que eu enxergo da mesma forma que as pessoas enxergam?

Flora Thomson-DeVeaux: Tem outra coisa que você pode estar pensando.

Sim, o Lucca usava óculos. Ele tinha um pouquinho de astigmatismo, um pouquinho de miopia. Mas esse diagnóstico não parecia dar conta de todos os sintomas.

Só que, entrava ano, saía ano, entrava oftalmo, saía oftalmo, e era isso mesmo. Diagnóstico: desengonçado, desatento... possivelmente até um pouco cuzão, mas oftalmologicamente normal.

Até que, um dia, um oftalmo que o Lucca já vinha frequentando fazia algum tempo finalmente entendeu o que que estava rolando... Tinha alguma coisa diferente na retina dele. A retina fica no fundo do olho. Imagina que ela é que nem a tela de um computador, com um monte de pixel. Cada pixel desse é uma estrutura que recebe luz. E na retina do Lucca, é como se tivesse um monte de píxel morto. Pontinhos pretos. Janelas que iam fechando, deixando tudo mais escuro. O nome disso era retinose pigmentar.

Lucca Agustini: E foi um choque, assim, pelo menos para minha mãe foi um choque porque ela falou: "Ai, meu Deus do céu, meu filho já tem a perda auditiva e agora tô sabendo que tem a perda visual e que pode progredir". Aí eu recebi aquilo como: "Ah, entendi agora, como é que as coisas funcionam".

Flora Thomson-DeVeaux: A partir daí, eles foram fuçar mais. O Lucca fez um mapeamento genético.

Lucca Agustini: E aí chega na conclusão de que eu tenho uma síndrome chamada Síndrome de Usher, que é o tipo dois.

Flora Thomson-DeVeaux: Síndrome de Usher. Você provavelmente nunca ouviu falar dela. Eu nunca tinha ouvido falar. O Lucca nunca tinha ouvido falar. É uma doença genética, bem rara, que combina uma perda auditiva com uma perda visual.

Tem tipos em que a perda auditiva é pior que a visual e vice-versa, tem tipos que pioram com a idade, mas enfim. O do Lucca era o tipo dois: perda auditiva desde pequeno, que fica estável, e uma perda visual que estava ficando progressivamente pior.

Quando Lucca recebeu o diagnóstico dessa síndrome, era meio que mais um adjetivo pra colocar na lista de definições dele. Não queria dizer muita coisa. Não mudava tanta coisa. O que mudou mesmo foi um dia, no meio desse processo todo, em que ele foi fazer um exame.

Lucca Agustini: ...que era o seguinte: eu tinha que olhar para um ponto fixo e aí iam aparecendo, iam piscando luzinhas ao redor do meu campo visual, eu tinha que pressionar o botão toda vez que eu enxergasse.

Flora Thomson-DeVeaux: Ele via uma luz aqui... e depois nada. Outra luz ali... E depois nada. Longos nadas.

Lucca Agustini: E nesse exame eu comecei a perceber: "Meu Deus do céu, eu não enxergo quase nada". "Nossa, realmente isso aqui tem, tem uma diferença muito grande com o que as pessoas enxergam."

Flora Thomson-DeVeaux: Aquelas luzinhas começaram a iluminar toda a vida do Lucca de um jeito diferente.

Lucca Agustini: Falei: "Nossa, minha infância e adolescência eu vou ter que, eu vou precisar reinterpretar muita coisa". Né?

Lucca Agustini: "Putz, daquela vez que eu tropecei não foi porque eu sou desatento. Não foi por isso, não foi por nada, foi porque eu não enxerguei mesmo."

Flora Thomson-DeVeaux: Aos poucos, ele começou a contar pros amigos.

Lucca Agustini: "Olha, gente, lembra aquela vez? Foi por... não vi mesmo".

Flora Thomson-DeVeaux: Só que é isso, né? Era fácil entender que o Lucca tinha perda auditiva, que ele usava aparelho. E é fácil entender alguém que precisa de óculos. Mas o Lucca estava em outra categoria. Ele enxergava, mas não enxergava. Ouvia, mas não ouvia. E as coisas ainda influenciavam uma à outra.

Lucca Agustini: Quando eu estou de aparelho, é como se eu conseguisse enxergar melhor também. Porque eu não preciso fazer tanto esforço. Porque se eu estou numa roda de conversa e eu estou escutando muito bem, então eu não tenho que ficar fazendo esforço de fazer leitura labial e de ficar mexendo a cabeça, porque não adianta só mexer o olho, eu mexo muito o pescoço.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas também tem vezes que o fato de ele estar de aparelho piora as coisas.

Lucca Agustini: O meu aparelho auditivo, ele capta muito o som, pois ele expande, assim, a minha audição. Então, assim, tem muitos sons que ele capta. Então, por exemplo, na minha sala de aula. Eu estou ouvindo o professor, mas eu também tô ouvindo o cochicho do fundo.

Flora Thomson-DeVeaux: Ouvir pouco atrapalha. E ouvir muito atrapalha também.

Lucca Agustini: Mas é difícil, assim, de as pessoas entenderem. E eu entendo. E eu entendo que é difícil. Eu acho que quase ninguém tem a

compreensão de como eu realmente enxergo. Nem minha namorada, que é uma pessoa super curiosa, super investigativa, principalmente nesse aspecto. Ela sempre foi fissurada nisso, eu já falei pra ela, falei: "Olha, eu acho que você não tem noção, nunca vai ter noção e eu acho que ninguém vai ter noção". Só quem tem. Que são pouquíssimas pessoas.

Mayara Vilas Boas: Mas e aí eu falei: "Mas como é isso? Como assim?"

Flora Thomson-DeVeaux: Como você pode imaginar, esse discursinho do Lucca não desligou a curiosidade da Mayara. Então o Lucca pediu pra ela fazer o seguinte.

Mayara Vilas Boas: "Coloca a mão fechada na frente do olho, como se estivesse fazendo a letra O, só que bem fechadinho. E é mais ou menos assim que eu vejo".

Flora Thomson-DeVeaux: Se você não estiver dirigindo nesse momento, ou segurando uma criança, ou fazendo alguma coisa muito importante com as mãos, tenta fazer isso rapidinho. Coloca a mão no formato de O, na frente do olho. Você passa a enxergar não um quadro completo na sua frente, mas um tunelzinho.

Mayara Vilas Boas: Só que aí ele descreveu que em volta não fica escuro, como fica na mão, fica borrado. E quando eu coloquei a mão no meu olho e tentei imaginar a forma como ele via, isso pra mim foi um baque gigantesco: "Calma aí, então não é só a perda da visão periférica, é uma visão, um campo de visão muito, muito, muito reduzido".

Flora Thomson-DeVeaux: Pouco tempo depois de eles começarem a namorar, a Mayara e o Lucca foram fazer uma viagem pra Campo Grande. Eles até foram com o amigo que tinha apresentado os dois, o Henrique.

Mayara Vilas Boas: E assim, no primeiro dia que a gente chegou lá...

Flora Thomson-DeVeaux: Eles estavam passeando por aí...

Mayara Vilas Boas: E tinha um buraco muito grande na calçada, e o Lucca estava andando comigo de mãos dadas, e ele pisou nesse buraco. Eu desviei do buraco, o buraco estava cheio de terra, o tênis dele ficou todo sujo, e assim o Henrique me olhou, eu olhei para Henrique e a gente falou: "Putz, por que a gente não avisou?" E a resposta é: a gente não avisou porque a gente achou que ele estava vendo. E ele não estava vendo. Mas parece que ele estava vendo. É difícil entender o que ele está vendo e até onde ele está,

ou não enxergando. Aquele momento do buraco me deixou muito chateada, assim. Peguei, levei pro pessoal.

Flora Thomson-DeVeaux: A Mayara ficou hiper-alerta. Eles pararam num shopping e foram tomar um café. E o Lucca levantou pra pegar o pedido dos três.

Lucca Agustini: Já começou com a questão de eu ir lá buscar o nosso pedido, que ela ficou toda ansiosa.

Mayara Vilas Boas: A gente sentou para tomar um café e ele foi buscar a bandeja com os frappés lá e eu fiquei já preocupada, falei: "Meu Deus". Porque aí que tá, ele caiu com o pé no buraco. Então eu já começo a achar que a limitação dele é muito grande, aí você já começa a querer cuidar muito. Então ele foi buscar a bandeja com os copos, eu já achei: "Ele não é capaz de desviar dos obstáculos para trazer essa bandeja". E não é bem por aí.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lucca trouxe a bandeja de frappés na maior tranquilidade.

Mayara Vilas Boas: E aí ele trouxe os copos e a gente estava tomando café. Eu comentei de uma moça, da forma como ela estava vestida, falei: "Ah, que legal aquela jaqueta" e tal. Aí ele falou: "Qual moça?" Olhou para trás. Aí eu falei: "Aquele moça ali". Ele ficou olhando e ele ficou realmente olhando e não encontrava a moça.

Lucca Agustini: Aí fiquei procurando ela e não achava.

Mayara Vilas Boas: Eu vou pegar o meu celular... aí nesse dia eu fiz um exercício...

Lucca Agustini: E aí ela falou assim: "Vamos fazer uma foto".

Mayara Vilas Boas: Então eu calculei onde... olhando para frente, onde eu consigo ver, e peguei o meu celular e fui fazendo esse, esse contorno. E aí saiu uma foto panorâmica. Eu falei: "Mostra para mim o que você conseguiria ver aqui".

Flora Thomson-DeVeaux: Ela deu o celular pro Lucca ver.

Lucca Agustini: E aí eu comecei a dar zoom, dar zoom, dei um zoom umas quatro vezes.

Mayara Vilas Boas: E ele foi dando o zoom, e zoom, e zoom, e zoom,

Lucca Agustini: Aí eu recortei e dei mais um zoom no recorte.

Mayara Vilas Boas: E assim, de uma imagem enorme, ele via um nada, assim, muito pequenininho. E isso me assustou. E assustou ele também.

Flora Thomson-DeVeaux: A Mayara tinha tirado uma foto de um letreiro gigantesco no shopping.

Lucca Agustini: Então, assim, de uma frase, de uma palavra inteira, eu enxergava, assim, uma letra e meia. Ela ficou muito, mas muito chocada mesmo.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra Mayara, foi a primeira vez que ela conseguiu visualizar direito como o Lucca via o mundo. E, pro Lucca, isso foi um susto no caminho contrário.

Mayara Vilas Boas: E eu fiquei assustada com o campo visual dele e ele ficou chocado com o meu campo visual.

Lucca Agustini: Quando eu peguei o celular, ela falou: "É isso aqui que eu estou enxergando". Eu fiquei assim, chocado, falei: "Mentira, você não está enxergando tudo isso". Porque, assim, é surreal. É uma visão 180 graus, ela enxergava aqui do lado, fiquei assim: "Meu Deus!"

Mayara Vilas Boas: Ele falou: "Você vê tudo isso?" Eu falei: "Sim, eu vejo tudo o que está nessa imagem, eu consigo ver olhando para frente".

Flora Thomson-DeVeaux: O Lucca tinha sido apresentado pra Mayara, à revelia dele, como "o amigo que não tem visão periférica". E desde o diagnóstico dele, ele sabia que ele era assim. Mas foi só naquele dia no shopping, quase dez anos mais tarde, que a ficha, de fato, caiu.

Mayara Vilas Boas: E aí eu falei pra ele que a câmera ainda nem pega o campo visual de cima e de baixo, é só aqui na horizontal.

Flora Thomson-DeVeaux: Lembrando do exercício da mão na frente do olho. Quando a gente pensa em visão periférica, a gente pensa muito na visão pros lados, pra esquerda e pra direita. Mas é toda uma esfera de visão, pra cima e pra baixo também. O Lucca não tinha ideia de que as outras pessoas enxergavam assim.

Lucca Agustini: “Ah, meu Deus do céu, que deve ser mais doido ainda, porque às vezes ela está em pé, ela consegue ver o pé dela e eu não consigo”. Eu não consigo enxergar a minha mão. Eu estou estendendo minha mão aqui e eu não consigo enxergar.

Flora Thomson-DeVeaux: Foi só quando eu ouvi essa história que eu percebi o quão contraintuitiva é a visão que a gente tem. Olhando pros nossos olhos, sem ter nenhuma ideia de como eles funcionam, enfiados ali na nossa cara, faz sentido você pensar que cada bolinha enxerga numa linha reta, pra frente. Iluminando um tunelzinho. Jogando um holofote no escuro. E se é assim que você enxerga, como que você vai imaginar que o mundo é diferente pra outras pessoas?

Mayara Vilas Boas: Se ele está aqui na minha frente, ele está vendo só a íris do meu olho, só minha pupila. E eu aqui, olhando para minha mão, eu estou vendo o quarto inteiro. Eu estou literalmente – olhando aqui, eu estou vendo o quarto inteiro.

Lucca Agustini: Ela foi a primeira pessoa que teve essa noção de como eu enxergava, porque nem meu amigo que estava falando com a gente nessa viagem, que era um amigo há 16, 17 anos, tinha essa noção. Acho que nem meus pais têm essa noção.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra ele é como se ele descobrisse que todo mundo tem olhos na parte de trás da cabeça, e ele é única pessoa que não tem olhos na parte de trás da cabeça.

Mayara Vilas Boas: Exatamente, exatamente.

Lucca Agustini: É muito literal. A minha visão é muito literal. É literalmente eu estou vendo aquilo que eu estou olhando agora. Então assim, quando eu falo que eu não enxergo, eu acho que as pessoas, assim, elas não fazem ideia do que é "eu não enxergo".

Flora Thomson-DeVeaux: Hoje em dia, a Mayara sente que ela tem uma noção muito melhor de como o Lucca enxerga o mundo e como ele navega pelas situações. Mas tá do lado dele significa perceber o quanto que a nossa noção de deficiência é limitada, quadrada, pouco útil. A gente quer que as pessoas sejam uma coisa ou outra. Cego ou não. Surdo ou não. E o Lucca tá nesse entre-lugar.

Mayara Vilas Boas: Ou as pessoas vão achar que ele é totalmente capaz no sentido de estar vendo tudo o tempo inteiro, ou o contrário, ou vão achar que ele não é capaz de nada, então ele precisa o tempo inteiro ser acolhido.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lucca tem cegueira noturna – então a visão dele não se adapta no escuro. E aí, realmente, ele não consegue ver quase nada. Mas de dia, com uma boa iluminação, ele tá aí, correndo, andando de bicicleta, jogando basquete.

Lucca Agustini: Porque também tem esse jogo, né, de: "Putz, será que ele é de vidro ou ele não é?" Então assim, às vezes eu falo: "Olha, tem situações que eu talvez fique um pouco mais vidro, né? Ambientes escuros... porque também tem a questão da cegueira noturna, porque se com iluminação é difícil, sem iluminação, é praticamente impossível de ficar me deslocando". Às vezes a gente se desafia também. Falo: "Olha, relaxa. Se eu me machucar, tudo bem".

Flora Thomson-DeVeaux: "Hoje eu não sou de vidro".

Mayara Vilas Boas: O Lucca é muito corajoso. Então ele vai e faz. Ele não fica tateando tudo. Ele não fica o tempo inteiro olhando. "Será que ali eu posso andar? Será que essa porta está aberta? Tem alguma coisa no meio do caminho?" Ele vai. Se cair, machucar... tá. Então porque acha que a vida dele seria muito mais difícil se ele ficasse o tempo inteiro calculando cada passo. "Onde eu vou olhar, onde eu vou andar, onde eu vou pisar?", então ele vai. E é muito recorrente ele se machucar, tropeçar, bater em alguma coisa. Ele já está acostumado com isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Ouvindo os dois, eu comecei a desenvolver uma teoria. De que o Lucca é assim por causa dos 15 anos que ele passou sem saber que ele não enxergava direito e por causa dos 23 anos que ele passou sem saber o quanto que as outras pessoas enxergavam. Eu falei isso pro Lucca, e ele tendia a concordar.

Lucca Agustini: Como eu não tinha o diagnóstico, como eu não sabia o que era, eu não ficava me preocupando.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem aquela frase "a ignorância é uma bênção".

Flora Thomson-DeVeaux: Vamos pensar: você é a única pessoa no seu convívio que não tem olhos na parte de trás da cabeça. Você prefere saber ou não saber?

Mayara Vilas Boas: Eu preferiria saber. Nossa, eu detesto ficar na ignorância. Eu referiria saber com certeza.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu não sei. O Lucca acha que a ignorância foi boa durante um tempo. Mas que ele ficou sabendo numa boa hora. Quando ele já estava mais independente, mais confiante. Mais pronto.

Lucca Agustini: E acho que por um tempo os meus pensamentos de – “Putz, e se eu enxergasse daquela forma? Putz. Nossa, e se... e se!” São vários “e ses” desde que eu descobri, são vários “e ses”. Fiquei: “Nossa, meu Deus. Se eu enxergasse assim, eu faria isso, faria aquilo, piriri, pororó”. Mas eu cheguei, parei, pensei, falei: “Mas eu não tenho isso. Então não vai adiantar eu ficar pensando nisso?”

Flora Thomson-DeVeaux: A gente chegou no final da entrevista, e eu perguntei pro Lucca se tinha faltado alguma coisa, se ele tinha alguma pergunta. Normalmente, no fim de uma hora e tanto de conversa, as pessoas só falam que não, que tá tudo bem. Mas ele queria saber o que eu ia fazer com essa entrevista. Não nessa reportagem aqui. Na minha vida.

Lucca Agustini: Que agora, você tendo esse contato e essa informação, esse acesso a informação, que você acha que pode mudar no seu cotidiano? Assim, na sua relação com as pessoas?

Flora Thomson-DeVeaux: Eu fui pega totalmente de surpresa. E eu fiquei pensando. Porque, assim como o Lucca antes do diagnóstico, eu me acho uma pessoa genuinamente desatenta. Meio desastrada. E impaciente, o que piora tudo.

Flora Thomson-DeVeaux: Minha mulher vive desesperada comigo porque eu sou um tourinho na loja de cristal, na vida, na calçada. E aí eu preciso fazer o que você faz de desacelerar, ter um pouco mais de paciência, observar melhor os arredores...

Flora Thomson-DeVeaux: Vou te poupar e me poupar de continuar me ouvindo gaguejando. Também porque eu ainda tô digerindo a experiência do Lucca e da Mayara. Dessa tentativa de entender o que cada um enxerga, como cada um vive.

Eu lembro de uma professora da faculdade que dizia o seguinte: “A gente é cega pra nossa cegueira”. Ela não estava falando de cegueira literal. Ela estava falando de coisas que a gente não concebe, não imagina. Até no contexto de movimentos políticos com muita gente representando causas e perspectivas diferentes. Por mais

que a gente se ache empática, sensível, é muito difícil a gente se colocar no lugar de uma pessoa que é diferente da gente. Tem dores que a gente não sente. Razões que a gente não entende. E às vezes, só mesmo levando um chacoalhão pra se dar conta.

Lucca Agustini: Eu desacelero, porque, se eu não desacelerar, eu posso me machucar muito feio. Porque eu não tenho controle do que está acontecendo ao meu redor. A gente não tem controle. Mas eu, além de não ter controle, eu não tenho visão nenhuma sobre o que está acontecendo. Então eu acho que o desacelerar é muito importante pra gente, pra gente olhar e falar e fazer as coisas de acordo com o que elas demandam, sabe, sem querer ficar atropelando, porque senão a gente vai se machucar e a gente não tem controle sobre isso. Então acho que era isso que eu gostaria que as pessoas, assim, tivessem de noção do desacelerar.

Flora Thomson-DeVeaux: É um pouco ter noção do quanto que elas não têm noção.

Lucca Agustini: Nossa, muito legal essa frase. Gostei, gostei.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo.

Você deve ter ficado doido pra ver a foto que a Mayara tirou no shopping e a parte que o Lucca enxergava, né? Eles não conseguiram achar aquela foto original, mas eles reproduziram o experimento e fizeram duas fotos panorâmicas pra gente, mostrando o que cada um enxerga. Elas estão lá no site da Novelo.

Nossa segunda história de hoje tem menos a ver com retinas e campos de visão e mais a ver com ponto de vista. O que você enxerga depende muito de onde você tá, e de onde você veio. De quem você é, e do que você carrega.

Quem conta essa é a Bia Guimarães.

ATO 2

Bia Guimarães: Um dia desses eu li uma história que me deixou assustada. Estava num artigo de um trio de pesquisadoras da USP – o link tá no site da Novelo se você quiser ler depois.

Elas entrevistaram profissionais de saúde de uma maternidade em São Paulo. E numa dessas entrevistas aparece a história de uma mulher boliviana que estava em trabalho de parto – uma situação que logo de partida não é fácil pra ninguém.

Aquele sufoco das contrações, dor, inseguranças... e ela tentando se comunicar com a equipe do hospital do jeito que dá – talvez em espanhol, talvez em portunhol, o relato não diz.

Aí ela pede pra parir de pé, como é comum na cultura dela. E a equipe torce o nariz, começa a forçar essa mulher a deitar na cama. Mas ela insiste em ficar de pé.

Então ela pede um cesto. E o pessoal ali na sala de parto entende que ela quer o cesto de lixo, pra jogar o bebê no lixo.

Seguram ela por trás, deitam ela na cama contra a vontade dela e fazem o parto com ela deitada – deitada e com certeza mais agoniada do que deveria tá num momento desses.

E só depois fica claro pra eles o que talvez você tenha sacado de primeira: a mulher não queria jogar o bebê no lixo. Ela só queria um cesto pra por embaixo dela, pro bebê nascer.

Pode ser que tenha acontecido uma falha de comunicação por causa da língua mesmo, ou pode ser que tenha sido um episódio de xenofobia, porque a mulher era boliviana. Pela entrevista, não dá pra saber direito.

E eu sei que tem muito relato de parto violento por aí, mas eu acho que esse caso dá uma ideia da gaveta de possíveis problemas que se abre quando você é imigrante e precisa usar o serviço de saúde do país onde você tá morando.

No Brasil, quem é imigrante tem direito a usar o SUS tanto quanto quem é nascido aqui. Mas ter esse direito não resolve tudo.

Imagina. Você tá com algum problema, sei lá, uma dor, ou tá precisando tratar uma condição que você já tinha. Você tá numa cultura diferente, num sistema de saúde que você não conhece bem, e numa língua que você talvez não domine. E que talvez seja muito distante da sua língua materna, que pode ser mandarim, árabe...

Não tem ninguém no seu círculo que fale português e que possa ir junto com você no posto de saúde ou no hospital, pra fazer uma ponta como intérprete. Aí você

chega lá e te perguntam coisas que você não entende, te pedem documentos que você não tem...

Mas, de alguma forma, você consegue ser atendido. Então você entra no consultório e chega a hora de falar o que tá rolando, descrever os sintomas da melhor forma possível pra não ter nenhum engano. Isso pode envolver termos que tão num nível mais avançado do idioma. Nomes de órgãos do corpo, doenças, dores específicas...

No melhor dos mundos – e dependendo do seu idioma – pode ser que ali na unidade de saúde tenha alguém pra ajudar. Algum funcionário que fale a sua língua, por exemplo, e que possa fazer uma ponte entre você a médica.

Num outro cenário possível, onde esse intérprete improvisado não existe ou saiu pra almoçar, a médica saca o celular do bolso e abre o Google Tradutor. E se você já usou o Google Tradutor alguma vez na vida, você sabe que ele é um espaço bem propício pra confusão. Ou você escreve as coisas ao pé da letra ou existe uma chance dele ir parar em outro lugar sem você nem perceber – já que você não fala a língua que tá do lado de lá.

No fim das contas, claro, pode ser que dê certo. Mas também pode ser que você não consiga explicar direito o que você tá sentindo, e a médica não consiga entender exatamente o que você tem.

Pode ser que você saia de lá sem resolver o problema, ou saia com instruções que você não captou totalmente. Com uma lista de orientações e remédios que você não conhece e não sabe como toma, com um pedido de exame que você não faz ideia nem de onde fazer. Ou ainda com um diagnóstico que você não entendeu, e que pode ser grave.

Rita Buttes: Não é simplesmente fazer uma tradução com o Google Tradutor.

Bia Guimarães: Essa é a Rita Buttes.

Rita Buttes: Eu sou terapeuta ocupacional...

Bia Guimarães: Ela é daquelas pessoas que não gostam de deixar ninguém de fora da conversa.

Rita Buttes: E queria fazer uma audiodescrição também, né? Eu sou uma mulher de 1,72m. Tenho 55 anos, tenho os cabelos na altura dos ombros, cabelos brancos já naturais, e sou uma mulher branca.

Bia Guimarães: A Rita é funcionária da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Na área que ela coordena, entender e ser entendido são os pontos mais básicos.

Rita Buttes: Eu sou responsável pela área técnica da Saúde do Imigrante.

Bia Guimarães: Faz cinco anos que a área de Saúde do Imigrante foi criada por lá. Mas o assunto em si – de como acolher melhor os imigrantes no SUS – já estava borbulhando na cabeça da Rita há mais tempo.

Rita Buttes: Houve um momento na cidade onde começaram a chegar, por questões humanitárias, os haitianos, né? Na época, eu trabalhava com um núcleo de violências também na secretaria.

Bia Guimarães: Você deve lembrar das notícias... Em 2010 aconteceu um terremoto devastador no Haiti. As consequências foram tão graves pro país que muita gente decidiu fazer as malas e tentar a vida em outros lugares, como o Brasil.

A maioria dos imigrantes haitianos chegou aqui pela região Norte, principalmente pelo Acre. Aí, entre 2014 e 2015, o governo acreano fez um acordo com o Ministério da Justiça pra levar uma parte dessas pessoas pra outros estados. Foi por isso que nessa época vários grupos de haitianos desembarcaram em Porto Alegre. Muitos deles chegaram sem ter lugar pra ficar, sem rede de apoio nenhuma, e sem dominar o português.

Rita Buttes: Então as unidades Básicas de Saúde começaram a enfim atendê-los. E a barreira da língua, principalmente para o crioulo haitiano é muito forte essa barreira.

Bia Guimarães: O crioulo haitiano é a principal língua do Haiti. Ela é uma língua que tem vários elementos em comum com o francês, por causa da colonização. Mas não necessariamente alguém que fala francês vai entender o crioulo haitiano, nem o contrário.

E aí surgiram algumas iniciativas na Secretaria de Saúde da cidade pra tentar resolver essa lacuna. Organizaram até um curso de crioulo haitiano pras equipes de saúde que mais atendiam essa população.

Mas além dessa solução ser complicada de sustentar – afinal, a gente tá falando de aprender um idioma do zero e manter pelo menos o básico dele na ponta da língua –, ela só dava conta de uma parte do problema.

Rita Buttes: A principal barreira é a barreira da língua, mas não só da língua. Da cultura, né?

Bia Guimarães: A língua é só a primeira camada dessa missão de entender o que o outro tá passando, mas atrás dela tem uma porção de outras coisas. Hábitos de vida, crenças, e até jeitos de ver e de tratar um problema de saúde, que podem ser bem diferentes de um país pro outro...

E tem horas que o que você precisa não é exatamente transpor uma lista de sintomas de um idioma pro outro, ou ter um tradutor na sala. Você precisa de alguém que entenda o seu ponto de vista. Uma pessoa que você pode até não conhecer, mas sabe que ela compartilha um universo com você.

Quando a área da Saúde do Imigrante foi criada, e a Rita se viu com essa missão nas mãos, ela começou a se inteirar dos possíveis caminhos pra contornar essas barreiras.

Ela soube de organizações e até imigrantes de forma independente que ajudam outros imigrantes na hora de passar num atendimento médico. Tipo uma mulher haitiana que já tá mais familiarizada com o Brasil e se voluntaria pra acompanhar um conterrâneo nas consultas, ou numa situação de emergência.

Então a equipe da Rita começou a fazer esse mesmo esquema. Quando a situação exigia, eles acionavam alguns mediadores voluntários. E aí apareceram pessoas ótimas, rolaram vários casos de sucesso. Mas logo eles perceberam que não dava pra trabalhar só com voluntários.

Rita Buttes: Era uma pessoa que, bom, está fazendo aquilo pelo seu irmão, pelo seu país, mas ele também tem uma vida para tocar.

Bia Guimarães: E não ficava legal esse arranjo do poder público usar um trabalho não remunerado. Eles precisavam ter pessoas que de fato fizessem parte do serviço de saúde. Imigrantes que fossem contratados pra trabalhar de segunda a sexta ajudando outros imigrantes.

Pensando assim, até parece uma ideia óbvia: trazer imigrantes pra ajudar a resolver a lacuna do atendimento de imigrantes. Mas isso nunca tinha sido experimentado em outros lugares do Brasil dentro do SUS.

Até que, no final de 2021, eles finalmente conseguiram colocar o plano em prática. Contrataram os dois primeiros mediadores interculturais da Secretaria da Saúde de Porto Alegre.

Rita Buttes: Dois haitianos, que é o Jean Junior Thevenin, né?

Jean Junior Thevenin: Meu nome é Jean Junior Thevenin, sou haitiano.

Rita Buttes: E a Youdeline Obas

Youdeline Obas: Meu nome é Youdeline Obas. Morando no Brasil há quatro anos e seis meses.

Bia Guimarães: O Junior veio pro Brasil em 2015, naquele momento em que muitos outros haitianos estavam chegando na cidade.

Jean Junior Thevenin: Eu tenho duas faculdades...

Bia Guimarães: E aqui no Brasil, antes de ser mediador, ele trabalhou como auxiliar de cozinha e como cozinheiro.

Jean Junior Thevenin: A ideia de um mediador cultural eu gostei muito, porque eu estou fazendo um trabalho contínuo com os imigrantes.

Bia Guimarães: Já a Youdeline trabalhava na área da saúde lá no Haiti...

Youdeline Obas: Eu sou enfermeira de formação.

Bia Guimarães: Mas ela ainda não conseguiu validar a formação dela pra trabalhar como enfermeira por aqui. Então a vaga de mediadora veio em boa hora.

Youdeline Obas: Me candidatei para o posto e, graças a Deus, eu fui selecionada.

Bia Guimarães: No geral, o trabalho deles funciona assim: quando um imigrante chega numa unidade de saúde...

Rita Buttes: Chegou um haitiano, por exemplo, no posto e não consegue se comunicar...

Bia Guimarães: A equipe da Rita é acionada. Tem um telefone central da Saúde do Imigrante, mas cada mediador também tem um celular. Então às vezes a unidade de saúde liga direto pra um deles. O Junior e a Youdeline falam crioulo haitiano, mas também falam francês, espanhol e inglês, além de português. Então, quando precisa, eles conseguem ajudar gente de outras nacionalidades. Bom, quando eles recebem uma missão dessas, ela geralmente começa na hora, pelo telefone mesmo.

Rita Buttes: E eles fazem uma vídeo chamada inicial com a ou com o profissional de saúde e com a pessoa que está lá. Aí se apresentam...

Bia Guimarães: Eles se apresentam para aquela pessoa que precisa passar no atendimento médico, pedem as informações dela, perguntam o que ela tem, como podem ajudar.

Rita Buttes: Então se essa pessoa precisa entrar em consulta, eles vão fazer a consulta em vídeo chamada.

Bia Guimarães: Eles ficam ali na tela do celular, fazendo um papel que é metade intérprete, metade ponto de apoio. Se é um caso que tu pode remarcar e tudo mais, é remarcado, o mediador explica. E na consulta agendada ele vai. O mediador vai pra unidade de saúde onde a pessoa vai ser atendida e entra junto na consulta pra acompanhar. E a partir daí, o trabalho continua.

Rita Buttes: Não é só tu ir na unidade. Depois que tu vai na unidade, a pessoa precisa tirar, pegar a medicação na farmácia, ela precisa ir para um exame, ela precisa buscar o exame, ela precisa levar para o especialista.

Bia Guimarães: Tem casos mais pontuais, mas também tem casos que os mediadores acompanham a pessoa durante meses ou anos. A Rita me contou de uma vez que a Youdeline foi acionada pra ajudar no caso de uma mulher haitiana que tinha um problema nos rins.

Rita Buttes: Inicialmente ela tinha uma pessoa que ia com ela, mas essa pessoa saiu do Brasil, que falava português.

Bia Guimarães: Essa mulher estava fazendo diálise há uns cinco anos. Ia pra clínica, fazia diálise, ia embora. Ia, fazia diálise, ia embora... Mas o caso não era discutido de fato, pra tentar melhorar a vida dela.

Rita Buttes: O médico também não se comunicava, a enfermeira também não.

Bia Guimarães: Até que um dia chamam a Youdeline. Ela vai pra clínica, escuta a paciente, escuta o médico, faz a ponte de um pro outro, e depois continua acompanhando essa mulher. E quando fica claro que é um caso pra transplante de rim, a Youdeline ajuda ela a ir atrás dos exames, a preencher a papelada, a fazer a avaliação psicológica... Todo um processo que já não é fácil por natureza.

Rita Buttes: E essa mulher hoje ela já está na fila dos transplantes. Sabe, porque ela nunca ia entrar na fila dos transplantes.

Bia Guimarães: A Rita acredita que essa paciente nunca ia ter conseguido entrar na fila do transplante se não tivesse rolado essa intervenção.

Rita Buttes: E hoje ela está na fila, aguardando. E muito bem fisicamente.

Bia Guimarães: Teve um outro caso que caiu na mão do Junior. Eles estavam monitorando os imigrantes usuários do SUS e notaram uma mulher haitiana que já tinha sido atendida num posto de saúde, mas que andava sumida.

Jean Junior Thevenin: Entramos em contato com o posto dela e o posto diz que essa usuária está se tratando, já se tratou e agora está bem e voltou a trabalhar.

Bia Guimarães: Falaram que ela estava sumida porque já tinha se tratado do problema que ela tinha. O Junior estranhou. Em outros casos, essa resposta até podia ser motivo de comemoração, mas não nesse.

A mulher tinha anemia falciforme, que é uma doença genética que afeta principalmente as populações negras. É uma doença relativamente comum no Brasil, e no Haiti mais ainda.

Jean Junior Thevenin: Como ela não estava se tratando, a nossa preocupação é a hemoglobina dela, que estava muito baixa...

Bia Guimarães: As hemácias – as células vermelhas do sangue, que transportam oxigênio – têm um formato diferente em quem tem anemia falciforme. Elas são menos funcionais, digamos assim.

Aí a pessoa pode ter dores super fortes por causa do bloqueio de sangue ou da falta de oxigenação, ela pode ter uma tendência maior a infecções... E o paciente precisa ser acompanhado pra vida toda, pra pelo menos diminuir a chance de consequências mais graves.

Então não tem isso de "ela tratou e pronto, não precisa vir mais no posto". Talvez tivesse acontecido uma falha de comunicação ali, entre quem estava atendendo e quem estava sendo atendido.

Jean Junior Thevenin: E eu conversei com a nossa coordenadora...

Bia Guimarães: O Junior contou tudo isso pra Rita, que também ficou preocupada.

Jean Junior Thevenin: Ela disse: "Tu tem como fazer busca ativa?" Eu disse: "Sim, sem problema".

Bia Guimarães: Ele começou a procurar aquela mulher pelos dados, pelas informações que o posto de saúde tinha sobre ela. Foram 20 dias de busca frustrada. Até que o Junior recebeu a ligação de um médico.

Jean Junior Thevenin: O médico falou: "Tem tal usuário que está aqui". Eu disse: "Por favor, não precisa falar mais, me dá um minuto para conversar com minha coordenadora para que eu volte lá e encontrar vocês".

Bia Guimarães: O médico estava avisando que a pessoa que o Junior tanto estava procurando, estava na frente dele, num posto de saúde. E o Junior correu pra lá.

Jean Junior Thevenin: Eu fui lá no posto fazer a mediação.

Bia Guimarães: Ele ajudou no atendimento médico e a paciente acabou sendo internada. Ela ficou três semanas recebendo os cuidados.

Jean Junior Thevenin: Foi um alívio ela sair com todos medicamentos.

Bia Guimarães: Mas como ela tinha ficado muito tempo sem o tratamento adequado, a essa altura a doença já tinha afetado os olhos. E ela acabou perdendo a visão de um olho.

Jean Junior Thevenin: Ela perdeu uma visão e graças a Deus recuperamos a outra.

Bia Guimarães: Agora o Junior fica sempre atento pra ela fazer o acompanhamento médico direitinho, e pra preservar a visão do outro olho.

Jean Junior Thevenin: Foi uma paciente até hoje está seguindo conosco e tá se tratando, está muito bem.

Bia Guimarães: E muitos dos casos são assim. Pessoas que talvez não tivessem sido tratadas da maneira como precisavam se não fosse essa figura ali junto, fazendo a comunicação acontecer. Histórias que poderiam ter um desfecho bem diferente se o cenário fosse outro.

Um último caso que a Rita e os mediadores me contaram, e que marcou muito todos eles, aconteceu pouco tempo depois que a equipe recebeu uma nova integrante. A Absa Wade.

Absa Wade: Me chamo Absa Wade. Senegalesa, 36 anos...

Bia Guimarães: Uma imigrante senegalesa que tá no Brasil há 8 anos.

Absa Wade: Antes de ser mediadora intercultural, eu estava trabalhando como cuidadora de idoso.

Bia Guimarães: Além de cuidadora de idosos, a Absa era conhecida na comunidade senegalesa de Porto Alegre por causa dos quitutes que ela fazia.

Rita Buttes: Ela fazia alimentação em casa e ela vendia para os trabalhadores senegaleses que trabalham na rua vendendo seus produtos.

Bia Guimarães: E no ano passado, alguns desses conhecidos dela – sabendo que a Absa estava trabalhando na saúde – pediram uma força. Pra ver se quem sabe ela conseguia ajudar um homem em situação de rua que parecia tá precisando de atendimento.

Rita Buttes: Um senegalês, que estava com problemas, que andava pela cidade e ele cantava muito alto e corria todo o tempo...

Bia Guimarães: Vira e mexe ele passava correndo pelas ruas do Centro Histórico. E os senegaleses que trabalham por ali, como vendedores ambulantes, começaram a ficar preocupados.

Rita Buttes: Daí eles diziam: ele está com um problema mental, né?

Bia Guimarães: Talvez fosse um surto ou algo assim.

Rita Buttes: Aí o que ela combina na comunidade é: aonde ele estiver, que o pessoal ligue para ela, né?

Bia Guimarães: Era pra ligarem pra Absa na hora, pra ela fazer uma chamada de vídeo com esse homem e tentar conversar, entender como ajudar. Até que dá certo.

Rita Buttes: Ele chega perto dos senegaleses, né? Daí eles ligam pra ela e ela conversa com ele...

Bia Guimarães: Pelo vídeo, a Absa se apresenta para aquele homem, fala que trabalha na área da saúde, que ajuda os imigrantes... Tudo isso em wolof, a língua principal do Senegal. Ela fala pra ele ir pro posto de saúde onde ela tá. E ele diz que vai, mas não foi. Aí no outro dia ligam pra Absa de novo e ela consegue conversar mais um pouco com ele. Num trabalho de formiguinha mesmo, tentando fazer ele confiar nela e se deixar ser ajudado.

Rita Buttes: E ela vai fazendo o vínculo através da videochamada e através da comunidade senegalesa, que toda se sensibiliza com o caso e quer ajudar.

Bia Guimarães: A Absa finalmente consegue convencer ele a ir pro posto de saúde e passar numa consulta.

Rita Buttes: O que ele fala pra ela, né? Que ele sentia que alguém estava esfaqueando ele aqui na lateral, então ele corria e cantava para não pensar nisso, mas ele estava com uma crise psicótica e estava precisando efetivamente de uma medicação.

Bia Guimarães: Ela escuta tudo e traduz pra médica o que ele tá sentindo. E conta pra ele o que a médica vai explicando. No fim ele aceita ser internado num hospital psiquiátrico.

Rita Buttes: E ali ele fica 22 dias melhorando. E aí chega um momento em que ele sai porque ele vai sair, porque ele tá bem.

Bia Guimarães: O paciente estava pronto pra receber alta e ir embora. Mas ir embora pra onde?

Rita Buttes: O que que nós vamos fazer com ele agora? Ele não pode voltar pra rua.

Bia Guimarães: Ele não tinha casa nem família no Brasil.

Rita Buttes: E a comunidade diz: "Não, ele não vai ficar assim".

Bia Guimarães: É nesse ponto que a história deixa de ser só um caso de saúde e vira uma mobilização da Absa junto com a comunidade senegalesa.

Rita Buttes: Eles começam a tentar localizar a família dele no Senegal.

Bia Guimarães: Eles acham a família desse homem que nem documento tinha por aqui.

Rita Buttes: E a família diz: "Não, nós queremos ele de volta!".

Bia Guimarães: Então a comunidade se organiza, faz uma vaquinha e consegue comprar a passagem pra ele voltar pra cidade dele, no Senegal. E, enquanto isso, a Absa vai ajudando com os preparativos...

Rita Buttes: Ela faz toda a tradução da medicação dele atrás da receita em wolof, pra a família entender, né? E ele parte então da comunidade. Então ele sai super bonito, daí ele vai foi lá, se despediu da gente. E imediatamente que ele chega, ele faz uma vídeo chamada para a Absa dizendo que chegou e a gente volta e meia conversa com ele, com a família de lá.

Bia Guimarães: Num outro cenário em que não tivesse uma pessoa como a Absa dentro do serviço de saúde da cidade, que o trabalho de formiguinha pra tentar ganhar a confiança daquele homem e pra levar ele na consulta tivesse sido feito por uma pessoa que não falasse a língua dele e nem entendesse da onde ele vem, e que não tivesse um vínculo com a comunidade senegalesa pra armar todo aquele esquema, essa saga poderia ter um final bem diferente – ou poderia nem ter sido, pra início de conversa.

Rita Buttes: Porque nesse caso, se não fosse a comunidade senegalesa, seria muito complicado mesmo.

Bia Guimarães: Eu fico pensando nos possíveis finais alternativos daquela história que eu te contei no começo, da imigrante boliviana que só queria parir de pé, mas foi tratada como se quisesse jogar o próprio bebê no lixo. Deve ter alguma versão em que alguém entra em cena pra desfazer essa confusão.

Hoje a equipe que a Rita coordena tá com quatro mediadores.

Rita Buttes: A gente conseguiu no início desse ano algo que a gente queria muito, que foi contratar um mediador intercultural venezuelano.

Bia Guimarães: Então tem o Junior e a Youdeline, que são haitianos. Tem a Absa, que é senegalesa. E agora tem o Gabriel, da Venezuela. Todos eles já tiveram, e ainda tão, do outro lado da conversa. Eles não precisam se colocar no lugar dos imigrantes pra tentar ajudar. Eles são imigrantes.

Jean Junior Thevenin: Tem que ter alguém da nação da mesma nacionalidade, alguém que sabe, ou alguém que já passou, que já sofreu, que já sentiu na pele o que os imigrantes estão sofrendo. Quem já passou por isso é nós, mediadores, que são imigrantes.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo.

E essa história foi produzida com apoio da Umane, que apoia iniciativas na saúde pública com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população brasileira. Pra saber mais sobre a atuação da Umane, é só acessar umane.org.br. O link também tá lá no nosso site.

Obrigada por ouvir mais este episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você, que ouve sempre o Apresenta, sabe que toda semana a gente posta conteúdo extra sobre as histórias no nosso site. Essa semana, além das fotos tiradas pelo Lucca e pela Mayara, tem imagens dos mediadores interculturais em ação, pra você ver a carinha de todo mundo.

Se você tiver alguma história sobre enxergar ou deixar de enxergar alguma coisa, pode comentar lá nas nossas redes ou no episódio no Spotify.

E se você quiser mandar uma sugestão de pauta, você já sabe: é só ir no nosso site, no menu, onde tem "envie uma pauta". Lá tem explicado como são as histórias que a gente procura, e que você pode mandar pra: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Bruno Lima. A sonorização é da Paula Scarpin e da Bia Guimarães. Nesse episódio a

gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porciconio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.